



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS -
FATECS JORNALISMO**

MARIANA FONTÃO ACKEL HAUN

**GRANDE REPORTAGEM
AS MULHERES QUE MOVEM A FÓRMULA 1
(MEMORIAL)**

Brasília

2022

MARIANA FONTÃO ACKEL HAUN

GRANDE REPORTAGEM
AS MULHERES QUE MOVEM A FÓRMULA 1

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário de
Brasília, como parte dos requisitos para
a obtenção do título em Bacharel em
Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Araújo
de Lima da Silva.

Brasília

2022

MARIANA FONTÃO ACKEL HAUN

GRANDE REPORTAGEM
AS MULHERES QUE MOVEM A FÓRMULA 1

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário de
Brasília, como parte dos requisitos para
a obtenção do título em Bacharel em
Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Araújo
de Lima da Silva.

Brasília, 8 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora

Professora Dra. Sandra Araújo de Lima da Silva
Orientadora

Examinador Profa. Ma. Maria Gláucia Pereira de Lima Pontes
Magalhães

Examinador Prof. Me. Bruno Assunção Nalon

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Giselle Fontão Ackel Haun e Renan Martins Haun, pelo amor infinito que me deram, por sempre apoiarem minhas decisões e escolhas, por acreditarem na minha capacidade. Obrigada por me ensinarem que posso alcançar todos os meus sonhos, não importa o quão gigantes eles sejam, e mesmo que eles me levem para longe.

A minha irmã, Luana Haun, por ser minha parceira, por aguentar meus surtos, por todo amor e carinho que você me dá a cada dia. Estarei sempre ao seu lado para te levantar quando você cair e te aplaudir em cada conquista

Ao meu avô materno, Ivan Ackel, por me mostrar o mundo da Fórmula 1 desde pequena. Por tornar 20 carros correndo em círculo o maior entretenimento num domingo de manhã, junto com um copo de chocolate quente. Obrigada por passar horas e horas conversando comigo do esporte pelo telefone, sempre tirando minhas dúvidas e contando histórias de campeonatos passados.

A minha amiga-madrinha, Lívia Dimatteu, por estar ao meu lado desde 2014 e ser meu porto seguro. Obrigada por aguentar minha imaginação, minha falação, minhas obsessões da época. Você sempre terá toda a minha gratidão, por todos os momentos que passamos juntas. Obrigada por secar minhas lágrimas e tirar minhas mais verdadeiras gargalhadas.

A Ana Luisa Bruno, que mesmo a 1.007,6 km ou a 1.613,2 km, nunca falhou em me dar todo o apoio necessário. Obrigada por escutar meus áudios desabafando, e explicando sobre a F1 e hóquei mesmo você não entendendo nada. Obrigada por não ter largado minha mão ao longo desses 11 anos, mesmo quando faltam uns parafusos na minha cabeça.

Agradeço ao 'AC Shore' — Alice, Amanda, Dandara, Enzo, Letícia e Vitor — por sempre entenderem quando eu não pude estar em nossos encontros, pois estava ocupada escrevendo o TCC, e sempre demonstraram o maior apoio nas minhas escolhas. Obrigada por compartilharem comigo milhões de momentos comigo desde 2016.

Sou imensamente grata pelas amigas que fiz nessa jornada e levarei para o resto da vida. Anna Borges e Késia Alves, obrigada por todo o apoio ao longo desses quatro anos de faculdade, por todas as risadas e surtos compartilhados. Com tantos altos e baixos, o final chegou.

Obrigada a Elizângela Alves, minha primeira chefe, obrigada por acreditar em mim desde o primeiro dia de estágio, por sempre me incentivar, mesmo quando eu duvidava de mim. Obrigada por tudo o que você me ensinou no 1 ano que passamos juntas.

Aos professores que tive a oportunidade de conhecer ao longo do curso, obrigada por compartilharem seu conhecimento comigo, para que eu me tornasse a jornalista que sou hoje.

Um agradecimento especial, à minha orientadora, Sandra Araújo, por todo o auxílio ao longo dessa etapa de TCC e todo o carinho desde o primeiro contato como aluna e professora e ao professor Luiz Cláudio, por toda ajuda desde a primeira semana de aula até a última, por toda indicação em vagas de estágios, por me mostrar outro lado do jornalismo e por servir de inspiração profissional.

“O medo faz parte da vida da gente. Algumas pessoas não sabem como enfrentá-lo. Outras, acho que estou entre elas, aprendem a conviver com ele e o encaram não de forma negativa, mas como um sentimento de autopreservação.”

Ayrton Senna

RESUMO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo trata-se do desenvolvimento de um memorial de uma grande reportagem sobre as mulheres no ambiente da Fórmula 1, que tem o objetivo mostrar como a presença feminina vem crescendo a cada temporada, porém continua mínimo. A intenção é mostrar às mulheres que já obtiveram a oportunidade de dirigir um carro dessa categoria, as que trabalham para que as equipes obtenham sucesso nos fim de semana de corrida, as jornalistas do mundo inteiro que cobrem a categoria, apresentar e explicar a importância da criação da W Series e o anúncio da criação da Formula Academy, ambas categorias apenas de mulheres. Com esse trabalho pude mostrar como as equipes e toda a organização vem tentando incluir mais mulheres nesse espaço, seja por meio das academias de piloto ou contratando como pilotas testes. Por fim, esse trabalho foi realizado com entrevistas e análises de dados sobre a influência do gênero feminino no âmbito da Fórmula 1.

Palavras-chave: automobilismo; mulheres; jornalistas; Fórmula 1; grande reportagem.

ABSTRACT

This Course Completion Work (TCC) in Journalism is about the development of a memorial of a great report on women in the Formula 1 environment, which aims to show how the presence has been growing each season, but remains minimal. The intention is to show women who have already had the opportunity to drive a car in this category, those who work for the team to be successful on race weekends, journalists from around the world who cover the category, present and explain the importance of creation of the W Series and the announcement of the creation of the Formula Academy, both women-only categories. With this work, I was able to show how the teams and the entire organization have been trying to include more women in this space, either through pilot academies or by hiring test pilots. Finally, this work was carried out with interviews and data analysis on the influence of the female gender in Formula 1.

Keywords: motor racing; women; journalists; Formula 1; great reporting.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 JUSTIFICATIVA	11
2 OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo Geral	12
2.2 Objetivos Específicos	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 Notícia e Reportagem	13
3.2 Grande Reportagem	13
3.3 Mulheres no jornalismo	13
3.4 Mulheres competindo	15
4 METODOLOGIA	17
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	18
5.1 Leitura	18
5.2 Entrevistas	18
5.3 Corridas e programas	20
5.4 Edição de material	20
5.5 Medium	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22

INTRODUÇÃO

A Fórmula 1 é o esporte do topo da categoria do automobilismo, contando com 20 carros e 10 equipes. No ano de 2022, todos os pilotos e chefes de equipes são homens, e em 72 anos de corridas espalhadas pelo mundo apenas duas mulheres comandaram equipes da F1, Claire Williams comandou a Williams Racing de 2013 a 2020, e Monisha Kaltenborn que comandou a Sauber, hoje Alfa Romeo, entre 2010 e 2017.

Atrás do volante, o número de mulheres que já passaram por essa posição é maior. Desde 1950, quando ocorreu a primeira corrida oficial, mais de 900 pilotos já correram nas pistas espalhadas pelo mundo. Porém, apenas 5 mulheres testaram carros da categoria, e apenas uma mulher participou de uma corrida oficial, a italiana Giovanna Amati.

Ela foi titular da Brabham no começo da temporada 1992, mas não conseguiu se classificar para nenhuma das três provas nas quais foi inscrita e acabou perdendo a vaga no time para o britânico Damon Hill, campeão mundial de 1996.

Atualmente as duas mulheres mais próximas de dirigir um carro da Fórmula 1 são: Jamie Chadwick e Jessica Hawkins.

A primeira é piloto de desenvolvimento pela Williams Grand Prix Engineering Limited desde 2019. Ela apenas testa o carro da equipe para diagnósticos de problemas de funcionamento e analisa as condições mecânicas, sem obter a oportunidade de ir para a pista realizar um teste oficial, como outros da academia de pilotos tem a chance.

Hawkins, em 2021, assinou um contrato como embaixadora da Aston Martin Aramco Cognizant Formula One Team, além de competir na W Series, Jessica tem a oportunidade de trabalhar com uma equipe da F1, começando a entender o funcionamento de um time no esporte.

Entre 2019 e 2021, a colombiana Tatiana Calderón, também esteve presente no grid como piloto teste da equipe Alfa Romeo F1 Team Orlen A. No início de 2022, trocou a Fórmula 1 pela Fórmula Indy, competindo pela equipe A.J. Foyt Enterprises, marcando 58 pontos nas sete corridas não-ovais.

Calderón foi a primeira e única a dirigir por uma equipe na categoria de base Fórmula 2, no ano de 2019, Calderón ficou na 22ª colocação geral, correndo

pela Arden. Após encerrar a temporada, trocou a F2 pela Fórmula 3 Asiática, Super Fórmula, European Le Mans Series e WEC.

Para a surpresa de muitos, em agosto de 2022, Tatiana retornou aos carros da F2 para terminar a temporada pela Charouz, ao lado do brasileiro Enzo Fittipaldi. A volta aconteceu após o turco Cem Bölükbaşı ter seu contrato suspenso, por questões financeiras.

Outra figura importante no pitwall, é uma grande conquista para as mulheres, é a britânica Hannah Schmitz, Chefe de Engenharia de Estratégia, ela e sua equipe calculam e analisam bilhões de dados ao lado de cenários de simulação de corrida que definirão o qual caminho seguir para assegurar a vitória no domingo.

No âmbito do jornalismo, grandes nomes são a brasileira Mariana Becker, correspondente desde 2008, Rosanna Tennant responsável por programas como o Pré e Pós-Corrída, na plataforma F1TV, além de narrar treinos e classificações pela plataforma e Jennie Gow, correspondente da F1 para a BBC News, além de ter ganhado grande destaque ao aparecer na terceira temporada de F1: Dirigir para Viver na Netflix, trazendo comentários sobre os acontecimentos da corrida e sobre os bastidores.

Para a elaboração deste trabalho, é de suma importância mergulhar no universo da Fórmula 1 através de corridas gravadas, documentários e análises.

Por este motivo, esse trabalho tem como público-alvo quem gosta de automobilismo e quem quer conhecer sobre a história das mulheres na categoria de ponta

Assim, este trabalho tem como pergunta de pesquisa: Como as mulheres — jornalistas e pilotas — são recebidas e vistas no meio do automobilismo, ambiente predominantemente masculino?

1 JUSTIFICATIVA

A decisão de falar sobre as mulheres na Fórmula 1 no meu trabalho de conclusão de curso, veio de uma vontade pessoal de mostrar como o espaço da mulher no automobilismo é mínimo, e que por mais que as equipes, ao longo dos anos, venham tomado medidas para melhorar, o esporte ainda tem muitas barreiras para quebrar.

Com 10 equipes, em 2021 apenas 35% das pessoas trabalhando no grid eram mulheres, segundo pesquisa realizada pela ESPN.

A maioria dessas mulheres se encontram em cargos de marketing, relações públicas, estrategistas de viagem e mídia. São muito poucas aquelas que se encontram em posições como mecânicas, engenheiras e estrategistas de corrida.

Nesse ambiente o local que elas mais possuem espaço é nas transmissões de TV. Mariana Becker é a correspondente brasileira, viajando para todos os Grandes Prêmios. Ela é o outro motivo pela minha escolha do tema, sendo uma grande inspiração profissional, Becker começou a cobrir a Fórmula 1 em 2008 pela Rede Globo, e quando a F1 começou a ser transmitida pela Bandeirantes em 2021, pelo respeito e notoriedade que ganhou cobrindo o esporte, a emissora contratou a repórter, para continuar seu trabalho.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Realizar uma grande reportagem sobre como as mulheres são recebidas e vistas no meio do automobilismo.

2.2 Objetivos Específicos

- Relatar a história das mulheres que trabalham na categoria de ponta do automobilismo, a Fórmula 1;
- Relatar a história da W Series (Competição da categoria focada 100% nas mulheres) e entender por que ela só surgiu em 2018
- Contar a história das mulheres que já tiveram a oportunidade de dirigir um carro de Fórmula 1;
- Relatar e analisar o trabalho das jornalistas que cobrem a Fórmula 1;

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Notícia, Reportagem e Grande Reportagem

Para Nilson Lage a definição de reportagem “é a exposição que combina interesse de assunto com o maior número possível de dados formando um todo compreensível e abrangente” (LAGE, 2001, p. 112).

E a definição de notícia é “distingue-se com certo grau de sutileza da reportagem, que trata de assuntos, não necessariamente de fatos novos; nesta, importam mais as relações que reatualizam os fatos, instaurando dado conhecimento do mundo.” (LAGE, 2001, p. 30)

Com as definições, pude trazer um fato — a falta de mulheres no ambiente da Fórmula 1 — e transformar em uma grande reportagem, trazendo fatos, história, dados e entrevistas, em diferentes áreas da F1, ampliando um fato.

Para Medina, a reportagem em profundidade, denominada “alinear”, possui quatro grandes características: “a ampliação das informações imediatas (notícia)”; o rumo da humanização, “que individualiza um fato social por meio de um perfil representativo”; a “ampliação do fato imediato no seu contexto”; e, por fim, “o rumo da reconstituição histórica do fato”. (MEDINA, 1988, p. 72)

A grande reportagem abre então num círculo amplo, reconstitui o que já existe e deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo. Isso acontece através da contemplação de fatos que situam ou explicam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes ou através da busca do acontecimento imediato, levando a reportagem a uma interpretação do fato. (MEDINA, 1988, p. 134).

3.2 WebJornalismo

A autor Canavilhas (2001) explica que em sua obra o motivo pela escolha do termo ‘webjornalismo’. Ele diz que o nome está relacionado ao suporte técnico, assim como se utiliza ‘telejornalismo’ para o jornalismo realizado para a televisão; ‘radiojornalismo’ para o jornalismo do rádio; e ‘jornalismo impresso’ para o

jornalismo impresso em papel. Logo, segundo o autor, a utilização do termo parece natural.

Os autores Bardoel e Deuze (2000), definindo o webjornalismo apontam quatro elementos fundamentais para a produção de matérias e reportagens na internet são elas: interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimídia.

3.3 Mulheres no jornalismo

No âmbito jornalístico, as mulheres como correspondentes esportivas foram aceitas recentemente, e gradualmente ganham seu espaço, seja numa bancada de debates, narrando a corrida ou entrevistando peças importantes do esporte. A dificuldade que elas enfrentam em assumir uma posição maior se dá principalmente em como a mídia trata a mulher ao longo dos anos.

Buitoni (2009) aponta dez padrões de perfis que as mulheres receberam ao longo do século XX, tanto na mídia quanto na sociedade. Começando pela “mulher-oásis”, indicando as trabalhadoras que procuravam melhores condições na vida profissional em um país que começava a crescer e se desenvolver, encerrando com a “mulher segura e sexy” dos anos 90.

Buitoni (2009) explica que no último período, devido ao início da globalização, a mídia influenciou a mulher em relação ao seu corpo, que “assume o posto de elemento social na construção da imagem das pessoas”. (BUITONI, 2009, p. 141)

Assim como Buitoni, Moreno (2017) observa o trabalho dos veículos de comunicação na divulgação da imagem da mulher.

Moreno (2017, p. 65) afirma que “a mídia atinge a população, contribuindo para a formação da subjetividade de homens, mulheres e crianças, ajudando a compor a imagem introjetada dos papéis sociais, da aparência, dos sonhos e desejos, da posição a tomar em caso de alguma informação política etc”.

Melo (2006) afirma que os conteúdos destinados às mulheres raramente abordam a atualidade, dita como uma característica básica do jornalismo. Para

Buitoni (2009, p. 25) “os temas tradicionais da imprensa feminina resumem-se a meia dúzia de itens: moda, beleza, culinária, decoração, comportamento, celebridades, um conto etc”.

Analisando esses autores e suas respectivas obras, se percebe que a mulher é vista como uma estética e não como um alguém com o mínimo de intelecto. Por isso a figura feminina adentrando um ambiente de predominância masculina gera dúvidas de sua capacidade, e na maioria das vezes se acredita que ela está ganhando espaço por sua beleza, assim consequentemente trará mais audiência, pois as pessoas gostam de assistir aquilo que é belo, como diz Righi (2006).

3.4 Mulheres competindo

Para Santana e Silva (2015, p. 4) ao ingressar no mundo dos esportes, as “mãe, mulher e cuidadora do lar” se desvincularam de papéis reforçados ao longo da história e indicavam sua masculinização. Nesse sentido, “a compreensão parte da justificativa que o esporte tiraria a beleza natural feminina e os seus traços de graciosidade e delicadeza, que deveriam ser preservados, adquirem outros contornos tais como a força e virilidade”. (SANTANA; SILVA, 2015, p. 4).

Historicamente, esta área do jornalismo deixa a mulher à margem de suas narrativas. Coelho (2003) destaca que até a década de 1970 era quase impossível encontrar mulheres no jornalismo esportivo. Embora muito já se tenha conquistado, o autor aponta que hoje apenas 10% dos jornalistas esportivos são mulheres.

Se formos analisar apenas o jornalismo automobilístico é mais complicado ainda se encontrar mulheres, já que todos possuem o famoso clichê “a mulher não entende de carro”. Porém, isso vem mudando de pouco em pouco, não só na transmissão como nas pistas.

Nas últimas décadas, o público feminino vem conquistando espaço nas categorias de esporte a motor, mas, apesar da luta pela igualdade de gênero, os estereótipos continuam presentes sendo transmitidos com o tempo. Um dos locais responsáveis pela construção e desconstrução de papéis sociais é a mídia. (MONTEIRO; FORMENTIN, 2019, p. 210).

A ex-pilota teste da F1 e ex-integrante da Comissão de Mulheres da Federação Internacional de Automobilismo (FIA) Carmen Jordá, se encontrou em uma encruzilhada após afirmar que a barreira para a participação de mulheres na Fórmula 1 e Fórmula 2 seria por motivos físicos. Confira sua declaração ao site ESPN F1:

“Não cabe a mim decidir o que é bom ou não para as mulheres no esporte. Mas, com a minha experiência, posso dizer que na Fórmula 1 e na Fórmula 2 — ao contrário de outros campeonatos, como kart, Fórmula 3 e GT, onde creio que as mulheres consigam conquistar bons resultados — há uma barreira, que é por uma questão física. Vejo um grande problema para as mulheres (neste sentido), e é por isso que não há nenhuma nestes campeonatos.”

Não se pode afirmar que a barreira ocorreu por conta do aspecto físico, já que 5 mulheres tiveram a oportunidade de testar carros da categoria, e uma delas chegou a participar efetivamente de uma corrida oficial, a italiana Giovanna Amati.

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a grande reportagem deste memorial foi a pesquisa bibliográfica, já que foi realizada a partir de leituras e análises de livros, outras reportagens e entrevistas.

Para os autores Martins e Theóphilo (2016, p. 52), a pesquisa bibliográfica:

Trata-se de estratégia de pesquisa necessária para a condução de qualquer pesquisa científica. Uma pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congressos, etc. Busca conhecer, analisar e explicar contribuições sobre determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa bibliográfica é um excelente meio de formação científica quando realizada independentemente — análise teórica — ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico, visando à construção da plataforma teórica do estudo.

Um dos métodos escolhido foi a pesquisa exploratória, já que foi inviável adotar a pesquisa de campo, tendo em vista o tema escolhido para a grande reportagem. Segundo Collis e Hussey a pesquisa é realizada visando promover uma visão mais clara sobre um tema buscando “padrões, ideias ou hipóteses, em vez de testar ou confirmar uma hipótese” (COLLIS; HUSSEY, 2005, p.24). Com isso, a pesquisa exploratória busca aprofundar o tema, tornando ele mais claro para os leitores.

O autor Tripodi et al. (1975) afirma que a pesquisa é baseada em pressuposição de procedimentos sistemáticos, levando a desenvolver hipóteses.

De acordo com Campenhoudt e Quivy (1995, p. 44), esse método é dividido em duas partes: a leitura e a coleta de informações. “As leituras servem primeiramente para nos informarmos das pesquisas já realizadas sobre o tema e obtermos contribuições para o projeto de pesquisa.”

O outro método escolhido foi a pesquisa documental, que segundo o autor Severino (2007) é a identificação e verificação de documentos para um preciso fim, documentos estes que ainda não foram tratados cientificamente. Com esse método utilizei da plataforma de streaming da F1, a F1TV, de programas da emissora Sky Sports, além de corridas ao vivo da W Series. Realizei também uma análise sobre a série da Netflix, F1: Drive to Survive.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A grande reportagem está disponível em:

<https://medium.com/@marianahaun/as-mulheres-que-movem-a-f%C3%B3rmula-1-13389a115daa>

5.1 Leitura

A leitura dos livros ocorreu durante toda a realização do trabalho. Todas as leituras foram consultadas desde o momento que iniciei o projeto de TCC em março até o momento final da mamografia em novembro. Os livros foram lidos tanto no papel quanto no kindle.

5.2 Entrevistas

A escolha do tema Fórmula 1, acabou levando a complicações na hora de conseguir entrevistas. O campeonato dura o ano todo, então ao entrar em contato com jornalistas do mundo todo e engenheiras, mecânicas e assessoras, muitas acabaram me deixando sem respostas ou respondendo que não tinha tempo.

No dia 4 de setembro entrei em contato com 10 mulheres em diferentes funções, por meio do Instagram e e-mail, são elas:

- Stephanie Travers, engenheira de fluidos de carros de corrida da Mercedes;
- Hannah Schmitz, estrategista de corrida da Red Bull;
- Charlotte Sefton, ex-chefe de comunicação da McLaren e atualmente chefe da comunicação da W Series
- Jamie Chadwick, tricampeã da W Series e piloto de desenvolvimento da Williams;
- Tatiana Calderon, primeira piloto mulher da Fórmula 2, ex-pilota de testes da Alfa Romeo;
- Naomi Schiff, ex-pilota da W Series, e atualmente apresentadora e analista de programa dedicado a F1;
- Aurelia Nobels, primeira mulher competindo na Fórmula 4 Brasil;
- Bruna Tomaselli, brasileira competindo na W Series;
- Maria Clara Castro, repórter pelos portais RF1 e F1 Feeder Series
- Mariana Becker, corresponde internacional da Fórmula 1 pela

Bandeirantes;

De todas as mulheres contactadas apenas 3 me responderam. A jornalista Mariana Becker não conseguiu fornecer a entrevista pelo motivo já citado acima, por meio do Instagram, ela me respondeu, no dia 5 de setembro: “Oi guria. Parabéns pela escolha. Estou numa correria danada por causa do campeonato. Infelizmente não consigo agora.”

Becker topou conversar, porém, apenas após o final da temporada de 2022. Como até o prazo de entrega do trabalho, o campeonato não havia sido finalizado, a entrevista não foi realizada.

A repórter Maria Clara Castro, o acesso até a mesma foi mais fácil, por já ter um contato com ela. Conversamos, no dia 21 de setembro, por meio do WhatsApp, e ela pode me contar um pouco mais sobre sua experiência no meio do automobilismo. Além de sua experiência pessoal, conversamos sobre a falta de espaço das mulheres no ambiente esportivo, e como as poucas mulheres presentes no meio, inspiram outras a tentarem chegar no mesmo local, ou em posições mais altas.

Com a piloto brasileira Bruna Tomaselli, a entrevista foi realizada por meio de e-mail, já que a mesma estava no meio da competição. No mesmo dia que mandei a mensagem cerca de 10 minutos depois a mesma já me respondeu, topando conversar comigo. As perguntas foram enviadas no dia 5 de setembro, e sua resposta chegou na minha caixa de entrada no dia 7 de setembro.

Bruna me contou um pouco sobre os desafios que encontro no meio do caminho, como a falta de incentivo e de patrocínio. Relatou sobre a constante dúvidas das pessoas sobre o seu talento, além de relatar sobre a dificuldade de avançar para outras categorias, por ainda haver um grande preconceito com mulheres em categorias como a Fórmula 1.

5.3 Corridas e programas

Por ser fã do esporte, passar o fim de semana apurando por meio das corridas e entrevistas, não foi um desafio, por já possuir o costume de realizar.

Bahia (1990, p. 40) relata que “a apuração é o mais importante para a notícia, da mesma forma como a notícia é o mais importante para o jornalismo”. Com isso podemos afirmar que a define a reportagem.

Na apuração da W Series, tanto para observar a capacidade de as pilotas quanto para observar o que os narradores falam, usei as corridas, transmitidas ao vivo pelo Sportv e replays de treinos que ficam salvos no Youtube.

Para observar a presença da mulher no ambiente da Fórmula 1, utilizei a transmissão da Bandeirantes, observando o espaço que dão para a Mariana Becker. Usei a plataforma oficial de transmissão a F1TV, onde não só observei a narração dos treinos, classificações e corridas, como também os programas de pré e pós-corrida.

Ao assistir às corridas, pude observar também quantas vezes as mulheres são mostradas nas transmissões e se elas trabalham para a equipe ou se apenas são fãs.

Outro material que utilizei na apuração, foi a série original da Netflix 'Drive to Survive' — Dirigir para Viver — para analisar se nos momentos das entrevistas foi chamada alguma mulher para dar algum tipo de depoimento.

5.4 Edição de material

A ordem dos fatos e histórias contadas na reportagem foi escolhida para facilitar o entendimento das pessoas que não possuem contato com a Fórmula 1 ou que conhecem, porém nunca tiveram o interesse de se aprofundar ou nem sabiam que nesse esporte já havia mulheres correndo nos carros.

Como todas as entrevistas foram feitas por meio de escrita, não precisei preocupar com a decupagem e com a autenticidade do que estava transcrevendo o que o entrevistado falou com as mesmas palavras.

5.5 Medium

Para colocar a grande reportagem, eu optei pela plataforma Medium, pelo

fato que já tenho experiência com o site, visto que a utilizo para realizar meu portfólio.

Para as fotos da reportagem, eu utilizei a ferramenta do Google de direitos de uso, além das fotos disponibilizadas pelas próprias equipes para a reprodução, além de solicitar autorização para usar imagens das próprias jornalistas citadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da falta do trabalho de campo, a opção de elaborar uma grande reportagem foi satisfatória e, simultaneamente, divertida.

A escolha de colocar a reportagem em um site foi a escolha certa para mim, tendo em vista, que meu objetivo é mostrar para todos que se interessam sobre a história que as mulheres vêm fazendo em 72 anos de história da Fórmula 1.

A apuração desse trabalho foi a parte do desafio, visto que, não pude ter acesso direto a Fórmula 1 e as pessoas que trabalham na mesma, o mais próximo que cheguei foi pela série da Netflix e vídeos das equipes, e obviamente, as transmissões do fim de semana. Tive que trabalhar com pesquisas, gravações e vídeos do YouTube, séries e programas de TV.

O trabalho assume um compromisso com as futuras gerações de mulheres que sonham em conquistar um espaço no automobilismo, e na Fórmula 1, e mostrar que é possível conquistar esse espaço e que as equipes estão se policiando mais em relação a esse tema.

É perceptível que o potencial das mulheres, seja na área que for, ainda gera dúvidas e questionamentos sobre sua capacidade. Frases como "Será que ela tem o físico para dirigir o carro?" ou "Será que ela tem conhecimento suficiente para comandar um programa ou a transmissão ao vivo?", ainda são comuns e há um caminho longo para ser período

Por fim, tive a oportunidade de aprofundar meu conhecimento nesse mundo que atrai minha curiosidade desde criança, quando assistia com meu avô num domingo de manhã, pois éramos os únicos acordados e o barulho do motor me fazia rir. Descobrir que tinha mais mulheres em posições de destaque do que acreditava ter, foi uma sensação de que escolhi o tema certo e fez minha vontade de cobrir esse mundo só aumentar.

REFERÊNCIAS

BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**: as técnicas do jornalismo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. 2 v.

BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. **Network Journalism**,. Disponível em: <http://home.pscw.uva.nl/deuze/publ9.htm>. Acesso em: 11 dez. 2022.

BUITONI, Dulcília H. Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009. 239 p.

CAMPENHOUDT, L. V.; MARQUET, J.; QUIVY, R. **Manuel de recherche en sciences sociales**. 5. ed. França: Dunod, 2011. Disponível em: <https://www.dunod.com/sites/default/files/atoms/files/9782100765416/Feuilletage.pdf> Acesso em: 15 nov. 2022.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html. Acesso em: 11 dez. 2022.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 3. ed. [S. l.]: Contexto, 2003. 120 p.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração**. um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

LEWIS, Niamh. The women who power Formula One: Engineers, mechanics and directors on their role in changing a man's world. **ESPN**. 2021. Disponível em: https://www.espn.com/f1/story/_/id/31038834/the-women-power-formula-one-engineers-mechanics-directors-their-role-changing-man-world Acesso em: 16 jun. 2022.

GLOBOESPORTE. **Esforço físico impede sucesso de mulheres, diz espanhola que já testou na F1**. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/esforco-fisico-impede-sucesso-de-mulheres-diz-espanhola-que-ja-testou-na-f1.ghtml>. Acesso em: 16 jun. 2022.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevistas e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Santa Catarina: Insular, 2001.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MEDINA, Cremilda. **Notícia**: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 6. ed. [S. l.]: Summus, 1988. 192 p.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006. 280 p.

MONTEIRO, Caroline Barbosa; FORMENTIN, Claudia Nandi. Mulher no volante: a presença feminina na F1 em publicações do globoesporte.com. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 33, n. 1, p. 209-234, 2019.

MORENO, Rachel. **Mulher na Mídia**: controle social comparado. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2017. 332 p.

RIGHI, Anelise Farencena. **As donas da bola**: inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo. 2006. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2006.

SANTANA, Daiane de Oliveira.; SILVA, Grasiela. de Oliveira de Santana. O papel da mulher dentro do contexto esportivo: uma análise a partir do futebol. **ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL**, [S. l.], v. 8, n. 8, 2015. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/1562>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007

TRIPODI, T.; FELLIN, P.; MEYER, H. **Análise da pesquisa social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.